



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

JACQUELINE CARDOSO BAIA

**OS OBSTÁCULOS DA EMANCIPAÇÃO FEMININA EM “CAPÍTULO DOS  
CHAPÉUS”**

ABAETETUBA-PA  
2021

JACQUELINE CARDOSO BAIA

**OS OBSTÁCULOS DA EMANCIPAÇÃO FEMININA EM “CAPÍTULO DOS  
CHAPÉUS”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba.

Orientador (a): Prof.<sup>o</sup> Me. Jose Rinaldo Lobato

ABAETETUBA-PA  
2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)**

---

C268o Cardoso Baia, Jacqueline.  
Obstáculos da Emancipação Feminina Em "Capítulo dos  
Chapéus" / Jacqueline Cardoso Baia. — 2021.  
25 f.

Orientador(a): Prof. Me. Jose Rinaldo Lobato  
Coorientador(a): Prof. Dr. Josiclei  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de  
Abaetetuba, Curso de Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2021.

1. Realismo. 2. Feminismo. 3. Machado de Assis. I.  
Título.

CDD 807

---

JACQUELINE CARDOSO BAIA

## OS OBSTÁCULOS EMANCIPAÇÃO FEMININA EM “CAPÍTULO DOS CHAPÉUS”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba.

Orientador (a): Prof.º Rinaldo Lobato

Data de aprovação: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

### **Banca Examinadora:**

---

Nome com titulação  
Instituição a que pertence

---

Nome com titulação  
Instituição a que pertence

---

Nome com titulação  
Instituição a que pertence

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por me proporcionar perseverança durante a minha vida acadêmica. Aos meus pais José Binel e Maria das Gracas que sempre estiveram ao meu lado me apoiando ao longo de toda a minha trajetória. A minha tia Edinalva, que sempre me auxiliou em meio às dificuldades e a Dorotéia, minha colega de classe, sua ajuda foi de suma importância para a conclusão deste trabalho. A todos os mestres que contribuíram com a minha formação acadêmica e profissional. A meu orientador Rinaldo Lobato pela sua dedicação e paciência durante o projeto, seus conhecimentos fizeram grande diferença no resultado final deste trabalho.

“Eu não desejo que as mulheres tenham poder sobre os homens; mas sobre si  
mesmas.”

(Mary Wollstonecraft, 1792)

## OS OBSTÁCULOS EMANCIPAÇÃO FEMININA EM “CAPÍTULO DOS CHAPÉUS”

Jacqueline Cardoso Baia<sup>1</sup>  
Jose Rinaldo Lobato<sup>2</sup>

**RESUMO:** Embasado nos estudos de Antônio Candido sobre a função social da literatura e sobre a riqueza sociológica das obras de Machado de Assis, este trabalho surgiu da intenção de analisar o conto capítulo dos chapéus com o intuito de demonstrar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres burguesas cariocas no processo de sua emancipação e cidadania, visando a valorização da literatura Brasileira Machadiana do ponto de vista sociológico e com o objetivo de criar uma consciência crítica e ética no educando sobre as relações de gênero. Este trabalho tem relevância acadêmica e social pois possibilita a discussão acerca da emancipação feminina utilizando a literatura como ponto de partida e referencial histórico e também possui importância para a comunidade escolar, uma vez que propõe uma leitura específica do texto literário canônico para a compreensão da obra e das ironias e metáforas existentes no conto.

**Palavras-chave:** Realismo, Feminismo, Machado de Assis, Emancipação Feminina.

**RESUMEN:** A partir de los estudios de Antonio Candido sobre la función social de la literatura y sobre la riqueza sociológica de la obra de Machado de Assis, esta obra surge de la intención de analizar el capítulo del cuento de sombreros con el fin de demostrar las dificultades que enfrentan las mujeres burguesa carioca en el proceso de su emancipación y ciudadanía, apuntando a la valorización de la literatura machadiana brasileña desde un punto de vista sociológico y con el objetivo de crear una conciencia crítica y ética en el estudiante sobre las relaciones de género. Este trabajo tiene relevancia académica y social ya que posibilita la discusión sobre la emancipación femenina utilizando la literatura como punto de partida y referencia histórica y también tiene importancia para la comunidad escolar, ya que propone una lectura específica del texto literario canónico para la comprensión de la obra y de las ironías y metáforas existentes en el cuento.

**Palabras-clave:** Realismo, Feminismo, Machado de Assis, Emancipación Femenina.

---

<sup>1</sup> Concluinte do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa. Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus Universitário de Abaetetuba. E-mail: [Jacqueline.cardoso2@outlook.com](mailto:Jacqueline.cardoso2@outlook.com).

<sup>2</sup> Mestre em Estudos Literários pelo PPGL-UFPA, da Universidade Federal do Pará. Professor efetivo do Curso de Letras – Língua Portuguesa da UFPA (Campus Universitário de Abaetetuba). E-mail: [rinaldo@ufpa.br](mailto:rinaldo@ufpa.br).

## 1. INTRODUÇÃO

A trajetória político histórica da emancipação feminina tem sido e continua sendo um processo gradual, que ao longo do tempo tem ganhado cada vez mais consenso no seio da sociedade, tanto entre homens como entre mulheres. As reivindicações das mulheres no passado pelo direito à representação política, o direito à educação e à instrução escolar possibilitou que nos dias atuais elas possuam direitos conquistados a duras lutas, muitas vezes sem reconhecer os sacrifícios e as dores dos desafios nos enfrentamentos contra a cultura patriarcal; as gerações do presente não passam mais pelas mesmas dificuldades - preconceito, machismo, que as demais, mas precisam conhecer e contar a história dessas conquistas, pois que o processo da emancipação é contínuo e se encontra em plena marcha - leia-se os jornais, veja-se as reportagens da tv. A luta continua, a igualdade salarial entre os gêneros ainda é discriminatória, na política o número de mulheres ainda é menor, o machismo advindo do patriarcalismo ainda predomina, o número de feminicídio tem aumentado, mostrando que é necessário uma revisão nos pré-conceitos que a sociedade tem seguido e que se faz necessário o trabalho, principalmente em sala de aula, desde as meninas até os meninos, sobre a discriminação de gênero, para que a juventude de hoje possa ser o adulto conscientizado e crítico do amanhã.

Neste sentido, visando possibilitar a discussão sobre a questão de gênero, cidadania plena e emancipação feminina e a criação de uma consciência crítica e ética para a formação do indivíduo, é que este artigo visa demonstrar os processos da emancipação da mulher burguesa no conto *CAPÍTULO DOS CHAPÉUS*, de Machado de Assis, Trata-se de uma tarefa nobre, pois além de valorizar e incentivar a leitura de textos literários como indica as disposições evocadas na BNCC - Base Nacional Comum Curricular, em suas dimensões linguísticas da escrita bem como da dimensão estética o Texto Literário, neste particular, da narrativa Machadiana, o leitor vai poder perceber e compreender a riqueza sociológica presente na obra, que, apesar de ter sido escrita a mais de cem anos, ainda é presente, na medida em que trata de um assunto de suma importância para a vivência igualitária em uma sociedade, e particularmente para o momento atual. Portanto, este trabalho tem relevância acadêmica e social pois possibilita abertura em sala de aula para a

discussão acerca da emancipação feminina utilizando a literatura Machadiana como ponto de partida e referencial histórico.

O trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica, realizada com a técnica do levantamento bibliográfico, metodologia que foi concretizada na leitura e análise da literatura disponível sobre o tema, que abrangesse uma visão geral sobre as lutas das mulheres, no contexto do Feminismo dos anos 60, a fim de evidenciar os obstáculos pelos quais as mulheres burguesas, retratadas no conto, passaram e as batalhas que enfrentaram no processo de emancipação que Machado, através de sua genialidade, tão bem expôs de forma que as sutilezas da dominação se refletem numa quase enfermidade, que molda as atitudes da personagem na forma de atos repetidos e reiterados do papel reservado à mulher burguesa carioca numa sociedade colonial patriarcal, e que confrontado em seus atos inconscientes, de tão repetíveis, com o comportamento de sua antagonista, ciente e consciente de sua liberdade e empoderamento, causa o espanto, a admiração, e revelando o incômodo e o constrangimento do grau de sua subserviência ao marido, a sem voz e sem vontade se recolhe, retornando para sua velha e antiga zona de conforto, a segurança do lar, onde reina absoluta - mas apenas lá. Este trabalho irá, através da crítica social sutil, presente na prosa social de Machado examinar no conto o cotidiano de duas mulheres casadas no fim do século XIX.

O insight teórico a partir do qual o trabalho se construiu, ancora-se na ideia de que a literatura é essencial para a formação do indivíduo como ser social, nos termos formulados por Antônio Candido, no que se refere ao surgimento do REALISMO, suas características e definição de acordo com críticos literários e outros comentadores.

A elaboração do Texto do trabalho têm no Capítulo I a fundamentação teórica utilizada. O capítulo II discorre sobre o vocábulo Feminismo: qual é seu significado, surgimento da expressão “feminismo”, suas fases e tipos. Será apresentada também a noção de gênero que norteia este trabalho, que é a noção de gênero como o concebe o feminismo; na sessão III será tratado sobre as características do realismo e o realismo psicológico de Machado de Assis, na sessão IV será apresentado o enredo e as características dos principais personagens, e por fim, a leitura e a análise do conto, sendo o último capítulo V as considerações finais do trabalho.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Dentre os críticos pesquisados destacam-se o Antonio Candido que muito estudou sobre a vida e obra de Machado de Assis e afirma a grande importância de sua literatura para a formação social do indivíduo.

De acordo com Candido a literatura é fundamental para a formação do homem como um ser social, pois ela “exprime o homem e depois atua na formação do próprio homem” (1999, p. 82). O autor divide a formação do ser humano a partir de três funções da literatura: psicológica, formadora e social.

A função psicológica da literatura reflete a necessidade que o homem tem de “fugir da realidade”, é o assim chamado ato de fantasiar, sonhar. A segunda função é a formadora, que reflete sobre a educação ao demonstrar aspectos convergentes da realidade e da sociedade, permitindo assim, a formação crítica do leitor. A terceira função proposta é a social que aborda a representação da realidade social, neste cenário, Machado de Assis se encaixa como um facilitador da formação social, ao retratar situações do cotidiano no séc. XIX, o que torna sua obra um instrumento de volta ao passado para a compreensão da vida em sociedade, permitindo assim que o leitor torne-se um crítico e analisador do que lê, e não apenas um receptor de informações através da mecanização do ensino de literatura em escolas literárias.

A partir de 1970, com os estudos de Antonio Candido, a obra de Machado foram valorizadas a partir de diferentes visões; elas foram utilizadas para entender a época, os eventos e principalmente o cotidiano de homens e mulheres, Candido (2011, p. 176) diz que “a literatura aparece claramente como a manifestação universal de todos os homens em todos os tempos”, ou seja, através da literatura o autor expõe suas visões e opiniões sobre o momento em que vive, fazendo com que a ficção e a realidade se entrelaçam de tal forma que torna-se difícil realizar uma separação entre elas, por isso, o intento deste trabalho visa analisar o conto Machado de Assis para fins de extração de uma observação do autor sobre a temática da emancipação da mulher, inequivocamente presente, segundo esta demonstração, na literatura de gênio do REALISMO brasileiro e de toda literatura de língua portuguesa e a sua importância para a compreensão dos aspectos socioculturais da sociedade no séc. XIX.

### 3. FEMINISMO

O feminismo é um movimento social e político, que luta pela igualdade e equidade entre os gêneros. É importante ressaltar que o movimento não é anti-homem, não prega que mulheres são ou precisam ser superiores, mas sim que devem se beneficiar e ser assistidas dos mesmos direitos que os homens se beneficiam e são assistidos. Esse movimento surgiu e se fortaleceu na Inglaterra depois da revolução francesa, no decorrer do século XIX, onde o objetivo era a luta feminina por direito ao voto e pela participação na política. No Brasil também surgiu no decorrer do século XIX e a luta tinha como objetivo conseguir o direito à educação, o direito ao voto feminino e a abolição dos escravos.

De acordo com Hooks (2018, p.17) "feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão", com essa definição a autora busca mostrar que o movimento não tem nada contra o homem, mas sim contra o sexismo que foi disseminado e que tanto homens quanto mulheres podem reproduzi-lo. A sororidade segundo Hooks (2013) é um meio importante para quebrar a dominação de mulheres sobre outros grupos de mulheres, dessa forma, o sexismo seria deixado de lado, e o feminismo englobaria e assistiria a todas as mulheres, independente de raça ou classe, mas para isso é necessário que as mulheres brancas privilegiadas, e ditas feministas, abrissem mão da dominação e exploração de outras mulheres de classes subordinadas. Segundo Hooks a educação feminina sobre o feminismo é de suma importância para que as mulheres mais jovens possam aprender o real significado da sororidade e possam ter um olhar voltado para a realidade da maioria das mulheres.

Esse movimento tem crescido muito, principalmente no Brasil, e por esse crescimento ele começou a se dividir em inúmeras vertentes que possuem objetivos de lutas específicos, por exemplo: existe o movimento feminista radical, interseccional, liberal e o negro. Cada um abarcando e lutando por causas específicas de um determinado grupo, classe ou raça de mulheres.

O grande objetivo do feminismo e que mantém a essência do ser feminista é a emancipação feminina, isto é, dar a oportunidade para que as mulheres possam decidir sobre suas vidas e seus corpos, por isso o feminismo tem como característica principal a crítica sobre como a sociedade enxerga as mulheres. Questionar isso foi essencial para buscar desconstruir a visão de que o ser feminino é automaticamente inferior. E então a partir disso foi-se entendido que a figura

feminina e todas as funções que eram agregadas não são inatas e sim que tudo o que entendemos como função feminina foi construído socialmente e que poderia, através de luta e resistência feminina ser desconstruído.

Sobre esse questionamento Simone de Beauvoir (1980, p. 9) afirma que:

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino.

O feminismo não é um movimento que como muitos dizem busca privilégios ou quer tornar superior o feminino. Mas que como seu objetivo geral, visa o direito feminino, muito já foi conquistado, como o direito de estudar, de votar, de se divorciar, como o direito ao próprio corpo e liberdade sexual feminina. Sobre esses direitos é que a essência do feminismo permanece. Como afirma Bandeira e Melo (2010, p. 9).

Direito a existir com dignidade, direito de propriedade, direito à educação e ao trabalho, direito de votar e ser eleita, direito a participar de espaços de poder e decisão, direito a seu próprio corpo, direito a viver livre de violências, direito de viver em igualdade de condições com os homens

Chimamanda Ngozi Adichie, uma escritora nigeriana em seu livro “Sejamos todos feministas” afirma que o “todos” inclui gramaticalmente ambos os gêneros e segundo ela esse é um convite para que a sociedade entenda que não é apenas uma luta das mulheres, mas sim uma luta de toda uma sociedade pela garantia de direitos de uma grande parcela da mesma. Podemos afirmar que muito já foi conquistado, mas ainda há um caminho longo a ser percorrido. Mas segundo Costa e Sardenberg, assim como foi anteriormente, o feminismo ainda mantém sua essência de luta.

O feminismo no Brasil vem assumindo várias formas de luta, diversas bandeiras e diferentes facetas. Já foi sufragista, anarquista, socialista, comunista, burguês e reformista. Já lutou no parlamento, nas ruas e nas casas para conquistar e garantir o acesso da mulher à educação formal. E vem lutando pela igualdade de salários e condições dignas de trabalho, pela valorização do trabalho doméstico, pelo direito inalienável de todas ao controle sobre o próprio corpo e gozo de nossa sexualidade, enfim, pela construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde a mulher possa realizar-se plenamente enquanto ser humano e cidadã. (COSTA e SARDENBERG, 2008, p. 32)

### 3.1. Feminismo e noção de gênero

O termo gênero apareceu, segundo Claudia Mayorga (2013) nas ciencias sociais nos Estados Unidos, e buscava diferencia a identificação sexual do sexo biologico.

Desde sempre nós tivemos a concepção de que gênero e sexo significavam a mesma coisa. Entretanto com o movimento feminista e as suas inquietações, esta afirmação se tornou questionável e a partir da década de 1980 o gênero passou a ser usado no meio acadêmico para compreender o fundamento em que se baseavam as estruturas sociais e como forma de rejeitar a explicação biologica usada como suporte para a diferença entre homens e mulheres, Claudia Mayorga (2013.p 468). Começamos então a entender que sexo estava relacionado ao biológico e gênero a uma construção social, e nesta construção social o gênero feminino era visto como inferior, pois o relacionavam a fragilidade do sexo feminino. E a estigmatização colocada pela sociedade ao feminino não era algo pré-determinado, mas sim construído. Com a substituição do termo estudo da mulher por estudo do gênero nos Estados Unidos, o feminismo adentrou nas universidades e contribuiu para o estudo sobre a hierarquia de classe e a discriminação que a mulher sofria nessa estrutura.

Segundo Joan Scott após a troca do termo "Estudo das mulheres" por "Estudo do gênero" o termo passou a:

"[...] integrar-se à terminologia científica das ciências sociais e, por conseqüência, dissociar-se da política (pretensamente escandalosa) do feminismo. Neste uso, o termo gênero não implica necessariamente na tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, nem mesmo designa a parte lesada (e até agora invisível). Enquanto o termo "história das mulheres" revela sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais) que as mulheres são sujeitos históricos válidos, o "gênero" inclui as mulheres sem as nomear, e parece assim não se constituir em uma ameaça crítica. Este uso do "gênero" é um aspecto que poderia ser chamado de procura de uma legitimidade acadêmica pelos estudos feministas nos anos '80" JOAN SCOTT (1990, p.3))

Sobre o gênero, Simone de Beauvoir, no livro "O segundo sexo" de 1980, busca explicar a diferença entre gênero e sexo entre o biológico e o que foi construído socialmente e questiona a diferença entre homens e mulheres, fazendo uma afirmação que deu forças para o pensamento, "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher". Sobre a diferença entre gênero e sexo, Scott (1990 p.75) afirma que:

O gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido dessa realidade. A

diferença sexual não é a causa originária qual a organização social poderia derivar. Ela é antes uma estrutura social movente, que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos.

Dessa forma, entendemos que a disparidade nos conceitos de gênero e sexo é um grande aliado na luta feminista atual. Pois dar base para que haja desconstrução na figura do feminino.

#### **4. REALISMO**

O REALISMO no Brasil tem como marco inicial no Brasil a publicação de Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, em 1881, a passagem do Romantismo para o REALISMO acompanhou um período de muitas mudanças na história econômica, política e social brasileira. Seguindo essa afirmação, Cândido (1989) afirma que no Brasil da década de 1880, quando se instala o novo movimento literário, não é mais o mesmo de 1850, época em que a segunda geração romântica dividia seus versos entre o amor e a morte, e as "moreninhas" circulavam pelos salões. Assim, Bosi (1994) explica que o REALISMO (então) não (é) o aparecimento, mas o desenvolvimento das tendências da observação da realidade, que em nossa literatura se vinham manifestando de maneira cada vez mais acentuada, desde o começo da ficção romântica.

As obras que evidenciam o movimento realista no Brasil são: Memórias Póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba, Dom Casmurro, Esaú e Jacó e Memorial de Aires. Este movimento se caracteriza pela análise psicológica (os seres vistos em sua complexidade psíquica), análise dos valores sociais (os valores que a sociedade cria para justificar sua própria existência), pessimismo (descrença nos indivíduos e na organização social), ironia e refinamento da linguagem narrativa.

Através do REALISMO foi possível perceber que a sociedade que o romantismo mostrava na verdade não existia. Mostrar a realidade como o próprio nome já diz era o que o REALISMO sempre buscava, sem se importar como agiriam as pessoas, pois a preocupação era fazer com que elas vissem como elas eram. Entretanto, a definição deste movimento ainda é mais ampla. Para Coutinho (2004, p 9) "É impossível uma definição completa do REALISMO, que é antes um temperamento, uma tendência, um estado de espírito, de que um tipo ou gênero literário acabado".

A abordagem psicológica também é muito presente nas obras realista, os autores buscam demonstrar a realidade através da abordagem psicológica dos personagens. A aceitação da realidade é uma característica pertinente do REALISMO, isso é possível observar em todas as obras realistas, o fim das idealizações eram frequentes no REALISMO, ao invés das utopias do amor, eram presentes o retrato de adultério, da miséria e do fracasso social. Segundo Lúcia Miguel (1968) com a publicação de Brás cubas acabava de vez o medo de chocar preconceitos, pois agora não teria mais o sentimentalismo nem o bucolismo, agora a face real do homem Brasileiro seria mostrada, ou seja, a independência literária que os escritos tanto almejavam, mas que poucos ousavam buscar, finalmente havia chegado (COUTINHO,1975).

Conforme argumenta Moisés (1975, p. 203),

Primeiro que tudo, os realistas reagiram violenta e hostilmente contra tudo quanto se identificava com o Romantismo. Por isso, eram anti-românticos confessos, o que significava serem anti-subjetivistas, ou adeptos do objetivismo. Com efeito, pregavam e procuravam realizar a filosofia da objetividade: o que o objeto, isto é, aquilo que está fora de nós, diante de nós, o não-eu. Para alcançar concentrar-se no objeto, os realistas tinham de destruir a sentimentalidade e a imaginação romântica e trilhar a única via de acesso à realidade objetiva: a Razão, ou a inteligência.

Sodré (1965 p.24) sublinha nessa linha de pensamento e afirma que “o romance realista encara a podridão social usando luvas de pelica, numa atitude fidalga de quem deseja sanar os males sociais, mas sente perante eles profunda náusea, própria dos sensíveis e estetas.

A literatura realista brasileira passou a refletir essas ideias, no interior da realidade específica do nosso país e criticou duramente a burguesia da época. Bosi (1975, p. 199) explica que:

O manejo do distanciamento abre-se nas Memórias Póstumas que, pelas riquezas das técnicas experimentadas, ficou sendo uma espécie de breviário das possibilidades narrativas do seu modo de conhecer o mundo. Foi nesse livro surpreendente que Machado descobriu, antes de Pirandello e de Proust, que o estatuto da personagem na ficção não depende, para sustentar-se da sua fixidez psicológica, nem da sua conversão em tipo; e que o registro das sensações e dos estados das consciências mais díspares veicula de modo exemplar algo que está aquém da persona: o contínuo da psique humana [...] da história vulgar de adultério de Brás Cubas-Virgínia-Lobo Neves à triste comédia de equívocos de Rubião-Sofia-Palha (Quincas Borba). E desta a tragédia perfeita de Bentinho-Capitu-Escobar (D. Casmurro) só aparecem variantes de uma só e mesma lei: não há mais

heróis a cumprir missões ou a afirmar a própria vontade; há apenas destinos, destinos sem grandeza. Machado teve a mão de artista bastante leve para não se perder nos determinismos de raça ou de sangue que presidiriam aos enredos e estofariam as digressões dos naturalistas de estreita observância.

Pode-se dizer, portanto, que quando o REALISMO emerge no Brasil e começa a se consolidar rapidamente, o próprio fato de sua emergência revela a existência de uma série de ansiedades latentes e uma crise das representações que não pode mais ser acomodada com tranquilidade no interior de práticas idealistas, como as românticas. Ou seja, o REALISMO vai interferir diretamente no controle dessas representações, no sentido de que a ideia de nação una, europeizada até certo ponto, mesmo se o modelo foi ajustado, é colocada em xeque, pois os atores, as formações sociais e as hierarquias de classe que ele representa não estão mais de acordo com esse modelo de “comunidade imaginada” (PELLEGRINI, 2014).

#### **4.1. Realismo de Machado de Assis**

Joaquim Maria Machado de Assis, foi um escritor, contista, romancista e cronista, suas obras abarcam praticamente todos os gêneros literários, criado no morro do livramento, Machado era epilético e mulato, filho de filho de Francisco José de Assis e Maria Leopoldina, perdeu sua mão ainda cedo e apesar de sua condição entrou para a imprensa nacional em 1856 como aprendiz de tipógrafo, em 1858 virou revisor e colaborador no correio mercantil e em 1860 passou a pertencer a redação do Diário do Rio de Janeiro. Em 1869, casou-se com Carolina Augusta Xavier com quem permaneceu durante trinta e cinco anos e em 1897 foi eleito o presidente da Academia Brasileira de Letras, onde presidiu por mais de dez anos. Com uma vasta literatura, as obras de Machado de Assis são inúmeras e divididas nas categorias em diferentes gêneros literários. Entre eles, é possível citar: romances, coletâneas de poesias, coletâneas de contos, peças de teatro e contos selecionados.

O realismo psicológico de Machado de Assis parte dos pensamentos dos personagens de suas obras, os quais são reveladores de seus interesses, sentimentos e conflitos. Criticando duramente a burguesia ele fazia uma análise psicológica da sociedade e do ser humano representando nos personagens dele o psicológico das pessoas da época além de escancarar as mazelas e o modo como a sociedade estava organizada. Diferente dos Autores de sua época, Machado de

Assis sempre inovou em suas obras ao traçar seus personagens com perfil psicológico diverso, voltando-se mais para a psicologia e centrando-se no indivíduo e por ter essa característica única é que os estudos de suas obras não se restringem apenas às ciências da linguagem, pois, muitos psicólogos estudam as obras machadianas por causa da capacidade que Machado tinha de exprimir o psicológico do homem daquela época através de seus personagens.

Através do REALISMO psicológico de Machado de Assis emergiu um novo método de figurar todos os tipos de conflitos sociais ou individuais, uma nova maneira de adequar a linguagem à representação desses conflitos e também as mediações linguísticas necessárias para inserir literariamente a representação da “gente média”, das “classes baixas” e dos sentimentos e ações até então considerados inadequados ou indecorosos, elementos indignos de frequentar a “ideia de Brasil”. A burguesia é duramente criticada em muitos momentos. Diversas obras literárias do REALISMO são escritas como uma crítica aos costumes burgueses e à hipocrisia da classe. Para isso, geralmente são usados personagens extremamente capitalistas, que ilustram o pensamento e o comportamento dessa classe social (SACHSER 2004).

Assim, desenvolveu-se uma postura objetiva na maneira de tratar a ficção. No entanto, havia a busca pelos detalhes mais precisos e “realistas” possíveis, sem abrir mão da crítica social. E é exatamente com essa postura, de interferência, que o REALISMO permite entender as fissuras no interior da ideologia nacionalista ou sua diferença em relação a outras, como o positivismo ou o cientificismo de que, obviamente, ele era tributário.

## **5. ENREDO**

O conto se inicia com uma discussão de casal, onde Mariana pede ao esposo para que mude de chapéu, isto após ouvir as lamentações do pai sobre o quanto o considerava indigno do gênero e por isso instou com a filha para que fizesse o marido trocar, Mariana com um sorriso, aproxima-se de Conrado e pede-lhe que troque de chapéu. Conrado acende um cigarro e desconversa sobre o assunto.

A teima de Mariana que inicialmente era súplice tornou-se áspera e imperiosa. Irritado pela teima da esposa e por não aceitar ser contrariado, Conrado decide mofar do caso falando sobre motivos filosóficos pelos quais não poderia trocar o chapéu, citando Laplace e Darwin autores que eram desconhecidos por

Mariana, notando o sarcasmo e sentindo-se humilhada e envergonhada decide ir à casa de Sofia, sua amiga, como meio de espairecer. Ao chegar à casa de Sofia, lhe confidencia o ocorrido e recebe um convite da amiga para passear na Rua do Ouvidor, ainda na casa. Sofia conta sobre sua relação conjugal e o quanto vive em paz com seu esposo. Ao chegarem na Rua do Ouvidor, Sofia começa a contar casos de outros casais, brigas, separações, etc. o que faz Mariana perceber a indiscrição da amiga e temer que sua briga com o esposo seja divulgada. Então, com fingida docilidade, Mariana passa a agradar a amiga e não reclamar sobre a demora do passeio. Quando Mariana vê Conrado entrando na casa percebe que o chapéu foi trocado, então, de forma carinhosa, pede que volte a usar o antigo chapéu.

O conto está contido no livro "histórias sem data", publicado em 1884 pela Editora Garnier. A história se passa na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1879 e mostra o cotidiano de duas mulheres burguesas cariocas. O foco narrativo está na terceira pessoa e o narrador é onipresente e onisciente, pois ele não relata apenas o que vê, mas revela o íntimo das personagens. o tempo é predominantemente cronológico e o enredo é linear, se inicia pela manhã, com a discussão do casal, ao meio dia as amigas vão a Rua do Ouvidor e a tarde ocorre a conclusão do conto quando Mariana volta para casa .

Os personagens principais são: O pai de Mariana, ex funcionário público, era um homem apegado aos hábitos antigos e mesmo após o casamento de Mariana ainda possui forte influência sobre esta, chegando mesmo a persuadir a filha para convencer o esposo a mudar de chapéu. Assim como Mariana, não aceitava mudanças, como é descrito pelo narrador, ele usava a mesma casaca há anos, ou seja os hábitos mentais e ações permaneciam uniformes. Conrado Seabra é o esposo de Mariana, Advogado, homem "autoritário e voluntarioso", se irrita diante da teima da esposa para que trocasse de chapéu e busca formas de humilhá-la para que esta mudasse de opinião sobre a troca do chapéu, Conrado representa o pensamento machista e a sociedade patriarcal no fim do séc. XIX. Mariana é descrita como uma criatura meiga e com uma plasticidade de encomenda, era uma pessoa que rejeitava a mudança, a monotonia da casa a posição dos objetos e até a desordem dos livros do gabinete eram mantidas sem alterações, é como se a casa e a personagem se completassem, a mudança de posição e organização do ornamento do lar significava uma ruptura não apenas física, mas psicológica para a personagem, pois, elas revelam a segurança mental e social que ela busca manter

com sua atitude sempre meiga e passiva. Mariana representa, portanto, uma sociedade resistente às mudanças. Sua amiga Sofia tinha 30 anos, era casada, mas não se afez somente aos hábitos de casada, tinha opiniões e vontades próprias, por isso é descrita na obra como “senhora de si”. Era alguém que buscava a igualdade na relação a dois, onde ambos pudessem ter suas opiniões respeitadas, Ela representa, portanto, a nova sociedade e os novos ideais de igualdade que estavam se instalando no fim do séc.XIX.

### **5.1. Análise do conto**

O autor Machado de Assis nos mostra por meio do seu conto **CAPÍTULO DOS CHAPÉUS**, uma sociedade carioca do séc. XIX onde seus personagens retratam as mudanças que estavam ocorrendo em outros países que refletiam na sociedade Brasileira, de forma bem intensa onde uma nova forma de pensar estava confrontando a sociedade estabelecida no Brasil.

Primeiramente, é preciso entender o que Machado de Assis retrata em seu conto, mais especificamente sobre o cotidiano da mulher Brasileira burguesa carioca, na segunda metade do séc. XIX. o autor expõe no conto situações machistas onde é possível observar, que a mulher era vista como um objeto de posse, e os maridos eram acostumados a serem obedecidos sem oposição. Porém, a partir da segunda metade do século, com o início da urbanização principalmente no Rio de Janeiro e o declínio da relação senhor-servo, houve um reflexo e mudança de pensamento que marcaram a sociedade carioca que estava enraizada pelo patriarcalismo. Contudo, libertar alguém de ideias enraizadas ao longo dos anos não é algo fácil e nunca será, pois, o ser humano prefere aceitar o que conhece ao invés de partir rumo ao desconhecido, ao que é novo. Isso torna o processo de transformação social, política e econômica muito mais difícil, essa resistência impede que muitas pessoas se libertem de algemas invisíveis que as tornam prisioneiras de seus próprios medos. Porém, outras pessoas agarram as oportunidades e rompem com laços impostos a elas por meios de ideias mesquinhas baseadas apenas na condição de gênero onde um sempre se sobrepõe ao outro. É incrível como Machado de Assis expõe de forma elegante os obstáculos encontrados pelas mulheres para romperem com esses pensamentos de

desigualdade e inferioridades diante dos homens e como perduram até os dias de hoje em nossa sociedade.

Machado de Assis, nos apresenta em seu conto Mariana, a personagem retrata exatamente como a sociedade esperava que uma mulher burguesa fosse: meiga, obediente, boa dona de casa, sem ideias próprias, sem ocupação além da total dedicação ao marido. Ela era esposa de um advogado, Conrado, um homem descrito pelo autor como autoritário e voluntarioso. Este fica espantado quando Mariana lhe pede para trocar o chapéu que não ficava elegante em um advogado, o espanto deve-se pelo fato de Mariana insistir no pedido, algo que ele não estava acostumado pois sua esposa devia lhe obedecer como sempre fez. Isto irritou muito Conrado que falou dos motivos filosóficos pelos quais não poderia mudar de chapéu, citando sobre assuntos que antes eram restritos e ensinados somente ao sexo masculino nas escolas, com o simples intuito de humilhar Mariana, pois sabia que a esposa não tinha acesso a mesma educação e lia somente romance, então usou seus conhecimentos sobre Laplace e Darwin para mostrar superioridade.

Mariana fica profundamente magoada e revoltada diante da ironia do marido. Ela tenta se levantar e deixá-lo só mas é impedida por ele. o autor narra que Mariana “quis levantar-se duas vezes; ele obrigou-a a ficar, a primeira pegando levemente no pulso, a segunda subjugando-a com o olhar”.

Por meio de sua personagem, o autor descreve a opressão sofrida pelas mulheres da classe média da época, onde a mulher não deveria sair a sós, sem a companhia dos esposos, e deviam respeitá-los e obedecê-los, seus direitos de ir e vir eram limitados pela vontade destes. Neste trecho é possível perceber dois tipos de opressão, a física quando Mariana é segura pelo braço de forma não agressiva mas ameaçadora e a opressão psicológica, onde com apenas um olhar Conrado obriga ela a cumprir a sua vontade, isso como forma de controlar as ações e desejos femininos. Independente da classe social, a mulher vivia sob a guarda do marido e era colocada em uma posição inferior, tendo assim seus desejos e vontades controlados e reprimidos por ele. Este obstáculo é difícil de ser quebrado uma vez que as mulheres eram ensinadas desde cedo que seu papel na sociedade era este, obedecer sem questionar como um animal adestrado.

O autor continua sua narrativa, informando que depois do ocorrido Conrado sai, ao que tudo indica para o trabalho enquanto Mariana fica em casa tomada de ódio pelo chapéu; na verdade aqui Machado de Assis passa a dar um novo

significado para o chapéu, que deixar de ser apenas um acessório e passa a representar o homem. É preciso lembrar que as mulheres não podiam trabalhar fora de casa, somente os homens, porém as mulheres ficavam confinadas na casa com as tarefas domésticas. Esta posição social era imposta à mulher burguesa. Por isso, Mariana fica em casa, cheia de ódio e não entende como pode aguentar esse “chapéu” por tantos anos e ter aceitado suas vontades sem nunca ter contrariado.

Nota-se aqui a revolta surgindo em Mariana, fazendo referência aos movimentos Feministas que lentamente surgiam e criavam força através da união de mulheres que se sentiam e viam outras sendo subjugadas pelos esposos. Estes movimentos tinham como objetivo a desconstrução de pensamentos machistas, responsáveis pelas desigualdades e discriminações sofridas pelas mulheres.

É possível perceber que o autor mostra por meio de sua personagem Mariana o desejo reprimido do coração de muitas mulheres da época, pois Mariana sente o desejo de sair, como se a casa a sufocasse naquele momento, o seu coração ansiava a vingança pela humilhação sofrida. Com este pensamento em mente resolve visitar sua amiga Sofia, que levava uma vida bem diferente da sua.

Ao contrário de Mariana, Sofia era casada mas não se afez somente aos hábitos de casada, saía sem a companhia do esposo, tinha vontades e opiniões próprias, não se importava com o que a sociedade da época pensava, era muito senhora de si, e na relação com o esposo buscava um senso de igualdade, onde ambos pudessem ter suas opiniões respeitadas. Sofia representa os novos ideais que estavam surgindo, as novas formas de relações sociais, onde a Europa era tomada como símbolo de ideal almejado em termos culturais, políticos e econômicos, influenciando assim diretamente a sociedade Brasileira.

Porém, mesmo Sofia tendo alcançado essa liberdade das algemas sociais impostas às mulheres burguesas da época, não significa que não sofresse preconceito social ou críticas, isso fica bem claro quando o narrador a chama de “namoradeira”, justificando que não tinha tempo de compor outro termo. Percebe-se de forma sutil a ironia usada pelo autor para mostrar que esse estilo de vida das mulheres não era bem visto pela sociedade. Pois de forma discreta o autor insinua que Sofia se oferece para todos os homens e busca olhares dos mesmos, o que a torna uma mulher oferecida mesmo sendo casada.

Diante dessa exposição das duas personagens apresentadas por Machado em seu conto, fica claro a dificuldade feminina para romper com os padrões sociais

da época, pois a mente da mulher era moldada desde pequena para desempenhar o papel imposto pela sociedade e romper com esses ditames significava ser desprezada, até mesmo pela família, e como eram dependentes de seus maridos economicamente e emocionalmente era difícil aceitar essa nova forma de relacionamento que estava surgindo em busca pela igualdade, pois além dos obstáculos financeiros, pois as mulheres burguesas da época não trabalhavam fora de casa, existia um ainda maior e mais forte que era o medo que paralisava muitas mulheres e que perdura até os dias atuais.

Esse medo é retratado pelo autor de forma bem explícita quando ele revela a atitude de Mariana. Ela ao chegar à casa da amiga acaba revelando seu desentendimento com Conrado; ao ouvi-la, Sofia descreve sua forma de vida e relacionamento com o esposo, onde os dois tem voz, Mariana sente o desejo de ter também essa liberdade para si e aceita sair com a amiga para um passeio na Rua do Ouvidor para ver novos “chapéus”. Porém, este passeio torna-se perturbador para ela, pois sente-se insegura diante do novo, se arrepende de ter aceitado sair com Sofia e passa a acreditar que a culpa é dela mesma por estar nessa situação, pois não devia ter enfrentado Conrado por causa de um chapéu. Sair da zona de conforto significava romper com a segurança que ela estava habituada, por este motivo era melhor continuar com a vida perfeita que ela imaginava ter e depender da vontade do marido para tudo, do que colocar tudo em risco. Mariana prefere viver reclusa no lar sob as ordens do esposo, mesmo desejando viver de acordo com os novos ideais que estavam se estabelecendo. Ela reprime esses desejos por medo do que as pessoas iriam pensar e como sua boa reputação de esposa seria manchada, ela prefere optar pela mesmice a qual sua mentalidade infantilizada tinha se habituado, pois o narrador encerra o conto com Mariana pedindo ao Marido que volte a usar o chapéu antigo, pois ele havia trocado de chapéu.

- “Escuta uma coisa, respondeu ela com uma carícia divina, bota esse fora; antes o outro”.

O conto de Machado de Assis mostra que a luta das mulheres por igualdade vai além dos obstáculos sociais de uma sociedade machista e patriarcalista, onde a mulher é vista como um objeto e não como um indivíduo social com inteligência e capacidade de desempenhar seu papel na sociedade, essa luta também sofre a resistência de muitas mulheres que assim como Mariana não tem coragem de lutar

por seus desejos e preferem reprimi-los mesmo tendo contato com o novo, esse tipo de atitude das mulheres torna a luta pelos direitos de igualdade ainda mais difíceis.

## **6. CONCLUSÃO**

O que torna esse conto tão atual é a fidelidade à qual Machado descreve seus personagens, pois é só olhar em volta que é possível encontrar Marianas e Sofias descritas a mais de cem anos pelo autor, a luta das mulheres por direitos iguais continua a mesma. Com muitas conquistas as mulheres continuam sofrendo em uma sociedade marcada pelo pensamento de posse, onde a violência e opressão contra ela está cada vez mais evidente. O retrato social pintado por Machado, mudou pouco durante esses anos, maridos como Conrado são encontrados em muitos lares brasileiros, homens que gostam de humilhar suas esposas e serem obedecidos sem questionamentos mesmo que para isso precisem usar a opressão. No entanto, temos muitas Sofias que rompem com esses pensamentos e mostram suas opiniões e modos de pensar sem se importar com o que a sociedade impõe, pois sabem que são muito mais do que aquilo que as pessoas querem e sabem que seus desejos e vontades devem ser respeitados. Se uma mulher decidir se tornar uma dona de casa, essa é uma decisão que cabe somente a ela, a sociedade não pode impor isso a mulher. Muitos homens por não compreenderem esse pensamento vão até às últimas consequências, pois não conseguem compreender que a mulher é um ser individual e deve ser tratada de forma igualitária, não por seu gênero, pois este não define uma pessoa. Mas enquanto existirem mulheres com o pensamento igual ao de Mariana, haverá quem as trate como objeto ou seres inferiores com incapacidade de ter suas próprias decisões e opiniões, sempre dependendo de um homem para lhe “proteger”.

Portanto, quando é feito esse paralelo com o conto de Machado de Assis e a sociedade atual, é possível observar que esses obstáculos encontrados pelas mulheres no conto ainda são vistos na sociedade atual onde mulheres continuam suas lutas para serem vistas e ouvidas e que ao longo dos anos muitas conquistas foram alcançadas, porém o medo de muitas mulheres que preferem se calar e aceitar suas condições de “posse” ainda continuam. Por isso, faz-se importante levantar discussões sobre a desigualdade de gênero e sobre a luta feminina pela emancipação, utilizando a literatura Machadiana como ponto de partida, para que

outras meninas e mulheres sejam encorajadas a romper com os padrões pré-estabelecidos e ocupem de forma igualitária o seu lugar na sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Machado de Assis**, Disponível em: [https://www.Machadodeassis.org.br/abl\\_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start011f.html?sid=42&UserActiveTemplate=Machadodeassis](https://www.Machadodeassis.org.br/abl_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start011f.html?sid=42&UserActiveTemplate=Machadodeassis). Acesso em: 02 mar.2020.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Trad. Christina Baum. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. Universidade de S. Paulo. Editora Cultrix. 2º Ed. São Paulo, 1975.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 34.ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CÂNDIDO, Antônio. **A Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos**. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Itatiaia Limitada, 1975.

CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura. São Paulo, 1972.

CÂNDIDO, Antônio. **Iniciação à literatura brasileira**. 3 ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria. **O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva**. In: COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria (orgs.). **O feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas**. Salvador: UFBA / Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 7ª ed. Vol. 4. São Paulo: Global, 2004.

GLEDSON, John. **Por um novo Machado de Assis: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

MAYORGA, Claudia. **As críticas ao gênero e a pluralização do feminismo: colonialismo, racismo e política heterossexual**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mLjXKs35xcKRzzFFzBF3QC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 06.out.2021.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa** 13.º ed. São Paulo: Cultrix., 1975.

MULTIRIO, **A história da educação feminina**, Disponível em:

<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/14812-a-hist%C3%B3ria-da-educa%C3%A7%C3%A3o-feminina>. Acesso em: 29 out. 2020.

PELLEGRINI, Tânia. **Mosa Importada: Introdução do REALISMO no Brasil.** Itinerários, Araraquara, n. 39, jul./dez. 2014

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da Literatura Brasileira: Prosa e Ficção.** Belo Horizonte, São Paulo: Edusp, 1998.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis: Estudo Crítico e Biográfico.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** in Revista de educação e Realidade n.2;v.15. Porto Alegre.1990.

SACHSER, Juliane. **O Realismo Psicológico de Machado de Assis: Uma Análise das Principais Características Presentes na Obra Memórias Póstumas de Brás Cubas** IV Seminário Nacional de Literatura, História e Memória. Rio de Janeiro, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. **O Naturalismo No Brasil.** Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1965.

SOUZA, Warley. **Realismo no Brasil.** Disponível em:  
<https://www.portugues.com.br/literatura/REALISMO-no-brasil.html>. Acesso: 31 maio 2021

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1999. 83 p. Acesso em: 24 maio 2021.